

A ARTE

MUSICAL

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias	1\$200
No Brazil (moeda forte)...	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

Praça dos Restauradores, 43 a 49 — LISBOA

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS—STUTT GART

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não construe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e *sympathica*, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fôrma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições; — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

A. HARTRODT

Sede HAMBURGO — Dovenfleth 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

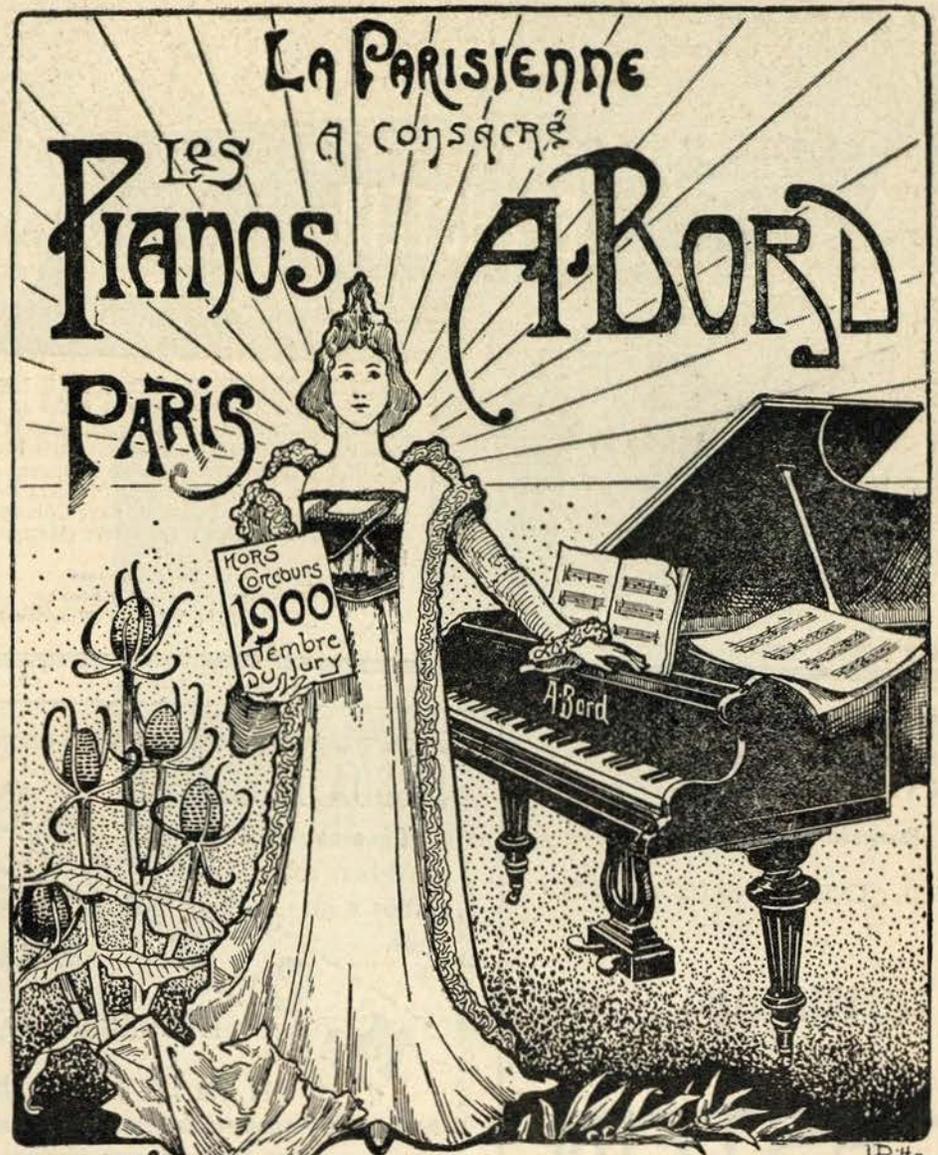
Serviço combinado e regular entre:

HAMBURGO — PORTO — LISBOA
ANTUERPIA — PORTO — LISBOA
LONDRES — PORTO — LISBOA
LIVERPOOL — PORTO — LISBOA

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — **Hamburgo.**



LA PARISIENNE
 A CONSAGRÉ
LES PIANOS A BORD
 PARIS

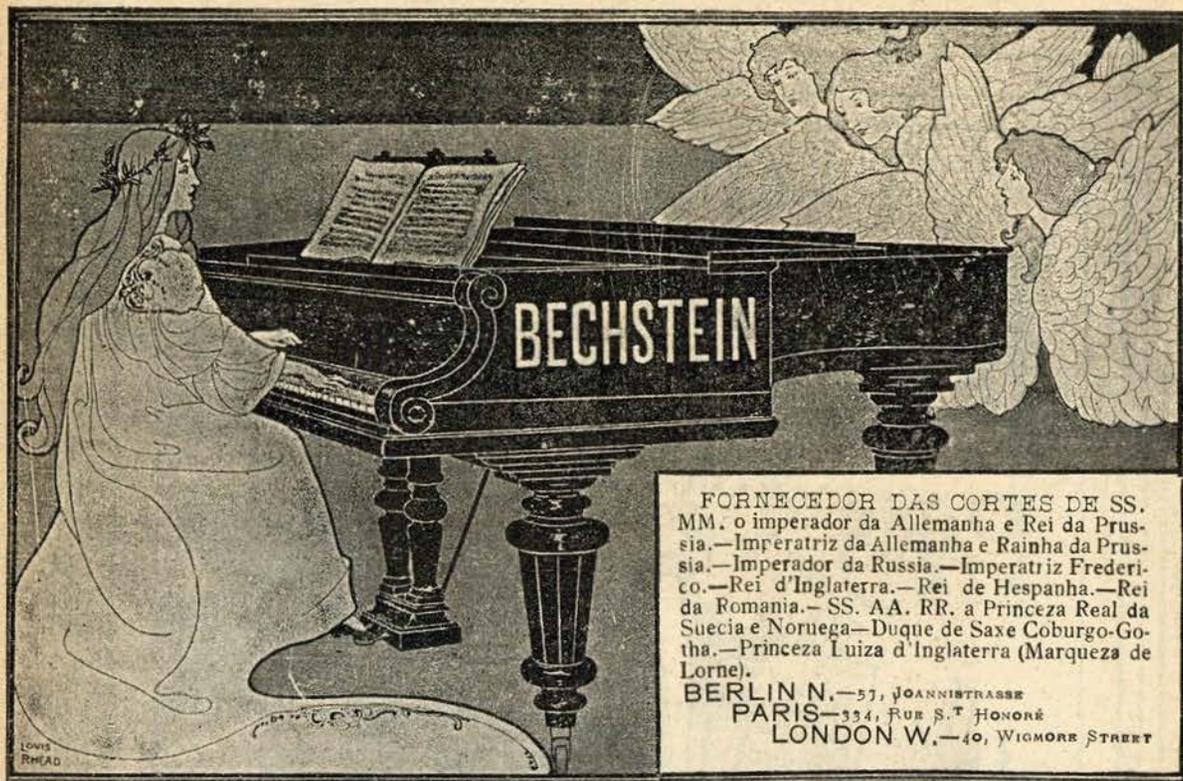
14 bis BOUL' POISSONNIERE ^{J. Bille}

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual.....	3:000 pianos
Produção até hoje.....	100:000 »

Exposição Universal de Paris (1900)
 Membro do Jury Hors Concours

A ARTE MUSICAL.
Publicação quinzenal de musica e theatros
 LISBOA



FORNECEDOR DAS CORTES DE SS.
 MM. o imperador da Allemanha e Rei da Prus-
 sia.—Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prus-
 sia.—Imperador da Russia.—Imperatriz Frederi-
 co.—Rei d'Inglaterra.—Rei de Hespanha.—Rei
 da Romania.—SS. AA. RR. a Princeza Real da
 Suecia e Noruega—Duque de Saxe Coburgo-Go-
 tha.—Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de
 Lorne).

BERLIN N.—57, JOANNISTRASSE
 PARIS—334, RUE S. T HONORÉ
 LONDON W.—40, WIGMORE STREET

LAMBERTINI

Fornecedor da Casa Real

UNICO DEPOSITARIO

DOS

CELEBRES PIANOS

DE

BECHSTEIN

LUVARIA

GATOS

260, RUA AUREA, 270

LISBOA

LISBOA ELEGANTE

Casa especial de
 gravatas, colla-
 rinhos e pu-
 nhos.

M. G. ALVES

NOVIDADES

DE

LONDRES E PARIS

15 a 17, Praça de D. Pedro-LISBOA

TRIDIGESTINA LOPES

Preparada por F. LOPES (pharmaceutico)

A associação nas proporções physiologicas, da
 diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por
 excellencia em todas as doencas do estomago em
 que haja difficuldade de digestão. Util para os
 convalescentes, debeis e nas edades avancadas.

PHARMACIA CENTRAL

De F. LOPES & C.ª

108, R. DES. PAULO, 110—Lisboa

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49

Proprietario e Director

Michel'angelo Lambertini

LISEOA

Kua da Assumpção, 18 a 24

Redactor principal e editor

Ernesto Vieira

SUMMARIO - Os violeiros antigos. - Luisa Todi. - A expressão musical. - Notas vagas. - Noticiario. - Secção litteraria. - Bibliographia.

OS VIOLEIROS ANTIGOS

GUADAGNINI

(Continuado do n.º 113)

Bem poucos são os violinos que se encontram em Portugal, com o ferro d'estes celebres violeiros.

O distincto amator José da Costa Carneiro possui um, que adquiriu pessoalmente na casa Hill em uma das suas recentes viagens



VIOLINO DE JOSÉ DA COSTA CARNEIRO

e que é um specimen formosissimo da fabricação de João Baptista.

A gravura que acompanha este artigo é a reprodução d'esse violino.

Tem a data de 1767 (Parma) e veio acompanhado com o seguinte diploma de authenticidade, que especifica ao mesmo tempo a forma, côr e dimensão do instrumento:

A good and characteristic example of the maker's work in excellent condition - The back in one piece of pretty wood of small figure - The wood of side to match, that of head plain - The varnish of an orange red colour - The instrument measures 14 inches in length of body, and is numbered 7430 on our books.

a) *William Hill & Sons.*

Bernardo Moreira de Sá também tem um Guadagnini, cuja bella sonoridade pudemos apreciar nos concertos em que o illustre professor portuense se tem feito ouvir.

Tem a seguinte etiqueta:

*Joannes Baptista Guadagnini
Cremonensis fecit Taurini C L G
Alumnus Antoni Stradivari 1738 - T*

Foi Pablo Sarasate quem o escolheu em 1896 na casa Gustave Bernardel, de Paris, fazendo-o acompanhar por um certificado de authenticidade. O preço da venda foi de 5000 francos.

RUGGERI

E' bem pouco conhecida a genealogia d'esta familia de violeiros e mesmo sobre a orthographia do proprio apellido se suscitam duvidas. Os escriptores mais auctorizados chamam-lhe indistinctamente *Ruger*, *Rugger*, *Rugieri*, *Ruggieri* e até as etiquetas umas vezes dizem *Ruggéri*, outras *Ruggier*, *Rogerus*, *Ruggieri* ou *Ruger*. A propria semelhança de nome com os *Rogerius* de Brescia tem dado logar a confusões.

Mas é aos de Cremona que nos queremos

agora referir e estes parece terem tido por primeiro representante a *João Baptista*, que foi discípulo de Nicolau Amati e que muitos auctores não citam, confundindo-o outros com o fundador da officina de Brescia.

João Baptista trabalhou em fins do século xvii e sobrenomeou-se *il Per*, como quasi todos os outros violeiros da sua familia.

O verniz dos seus violinos é avermelhado escuro e a fabricação muito cuidada; apesar d'isso não se lhe attribue valor superior a 240\$000 réis.

O mais conhecido da familia é Francisco Ruggeri, que tambem foi discípulo de Amati e trabalhou em Cremona de 1670 a 1720.

Deu desde o principio da sua carreira grandes provas de um excepcional sentimento artistico, não se limitando a copiar o mestre, antes buscando melhorar, pela propria inspiração, os modelos consagrados.

O contorno dos seus instrumentos é dos mais graciosos e elegantes, os *ff* podem comparar-se com os dos melhores Amati e Stradivarius, a voluta é deliciosamente harmonica, as madeiras sempre as melhores e o verniz, d'um amarello alaranjado, é classificado de *soberbo* pelos mais exigentes.

Um violino de Francisco Ruggeri pode atingir, segundo o seu estado de conservação, o valor de 400\$000 réis e mesmo mais.

Pietro-Giacomo era filho de Gio-Battista e nasceu em 1675 (?).

Foi auctor de um violoncello em que Piatti tocou durante muito tempo em Londres.

As etiquetas dos seus instrumentos dão-n'o tambem como discípulo de Amati.

Valor approximativo 160 a 300\$000 réis.

Jacinto, filho de Francisco, diligenciou imitar o trabalho do pae, mas os seus specimens tem menos aceitação no mercado instrumental e não passam geralmente de 240\$000 réis.

Ainda ha um Vicente Ruggeri que foi o ultimo do nome e de que conhecemos apenas uma etiqueta com a data de 1735.

GAGLIANUS

Temos tratado até aqui exclusivamente da escola de Cremona e d'ella nos occuparemos ainda até que tenhamos passado em revista os nomes que mais a illustraram.

Alexandre Gagliano (1640-1725) sahio de facto d'essa celebre escola, pois foi um dos mais conceituados discipulos de Antonio Stradivarius. Mas, assim que terminou o tempo de aprendizagem nas officinas do famoso *luthier* cremonense, voltou a Napo-

les, sua terra natal, e ahi fundou a escola que tomou o nome d'essa cidade e que sem ter a importancia das de Brescia ou de Cremona, concorreu no emtanto poderosamente com aquellas para que o antigo violino italiano, e seus derivados, obtivessem a fama universal de que hoje gozam.

E' preciso comtudo dizer que acerca do valor real dos productos de Alexandre Gaglianus e dos seus successores, variam um tanto as opiniões, entendendo alguns auctores (1) que se lhe tem exagerado a reputação e que os seus instrumentos estão longe de merecer o alto conceito em que são actualmente tidos.

E' certo que divergem e muito dos magnificos typos stradivarianos. São de modelo grande e desgraciosos na forma: a curvatura dos tampos pouco pronunciada: os ouvidos mais largos e perpendiculares do que no desenho de Stradivarius (2): o aspecto da voluta assaz mesquinho.

Em compensação as madeiras empregadas eram de primeira escolha, o tampo harmonico tinha uma grande ressonancia e o verniz, não se assemelhando em cousa alguma ao de Cremona tinha no emtanto uma grande transparencia e variedade na cor.

Attribue-se a um bom Alexandre Gaglianus, segundo o seu estado de conservação, o valor de 140 a 200 mil réis.

Ha um outro Gaglianus (João Baptista), que tambem se diz discípulo de Stradivarius. Laurent Grillet (3) reproduz uma etiqueta com a data de 1728, mas ignoramos quaesquer outros promenores sobre tal violeiro, extranhando apenas que a referida etiqueta o dê como vivendo em Cremona, quando é sabido que toda a familia Gaglianus exerceu a sua arte em Napoles.

Nicolau Gaglianus (1670-1740) era o filho mais velho d'Alexandre, a quem excedeu no merecimento.

Fabricou violinos e violoncellos, cuja forma e acabamento lembram mais os modelos de Stradivarius, aliás n'um periodo de transição, do que propriamente os modelos paternos.

O verniz é mais escuro, sem prejuizo da qualidade, as volutas, em alguns dos seus instrumentos, são mais felizes e os tampos peccam geralmente pelo defeito opposto

(1) Dupuich — *Les maitres luthiers* entre outros.

(2) Ao que parece, o modelo de Stradivarius que lhe teria servido de norma, era o que sahio das mãos do mestre cremonense entre 1725 e 1730.

(3) *Obra citada.*

aos de Alexandre Gaglianus — são demasiado bombeados.

A' volta dos filetes empregava frequentemente incrustações de ebano, em forma de pequenos quadrados e losangos.

Januario (1718-1770 aprox.), filho segundo d'Alexandre Gaglianus é de todos os fabricantes d'este apellido o que goza de melhor conceito e não é sem razão que os seus productos se avaliam hoje por preços bastante altos. (1)

As linhas geraes dos seus instrumentos são de uma grande elegancia, o acabamento é impecavel, a sonoridade geralmente volumosa e o verniz está ainda hoje admiravelmente conservado.

O maestro Andrés Goñi y Otermin, illustre director da *Real Academia de Amadores de Musica* possui um *Gennaro Gagliano* de 1749, que se encontra em optimo estado de conservação.

Uma das rebecas do distincto violinista amador Augusto Gerschey tambem tem o letreiro de *Januarius Gaglianus* e a data de 1767, mas suppõe o proprio possuidor, que é tambem um incansavel estudioso de assumptos de *lutherie*, que a rebece, apesar de italiana, não sahiu da officina de Gaglianus, mas sim de qualquer outra fabrica de nomeada, cuja etiqueta se terá perdido ou propositadamente substituido.

Dá-se ainda uma circumstancia curiosa. Laurent Grillet no seu bello trabalho sobre *lutherie* é o unico dos auctores que consultamos que dá a data de 1770 como sendo a ultima da producção de Gaglianus e portanto, com alguma verosimelhança, a da sua morte; transcreve mesmo uma etiqueta com a data de 1770. Mas excepto esse e Paul de Wit que no seu *Geigenzettel alter Meister* reproduz uma etiqueta de 1760, todos os outros dão o anno de 1758, como sendo approximadamente a epocha em que o violeiro napolitano cessou a producção (2) e n'esse caso a etiqueta do violino de Augusto Gerschey seria um letreiro de phantasia, assim como as que Laurent Grillet e Paul de Wit citam nas suas obras.

E' assumpto para estudar.

(1) Os bons Gaglianus já se tem pago por 600.000 réis.

(2) O Marquez de Piccolelli's (*Lutai antichi e moderni*) dá mesmo como data do fallecimento o anno de 1750, mas nem sempre se pôde dar absoluto credito ás affirmações d'este escriptor cuja infallibilidade deixa muito a desejar.

Fetis (*Antoine Stradivari*), Antoine Vidal (*Les instruments à archet*) e sir Georges Grove no seu *Diccionario* tambem dão a mesma data.

N. E. Simoutre no seu opusculo *Aux amateurs de violon* recua ainda a data até 1740, o que é erro manifesto.

Os quatro filhos de Nicolau Gaglianus tambem se dedicaram á construcção de instrumentos de corda. São elles:

Fernando (1706-1781), cujos violinos e violoncellos são notaveis pela bella qualidade do verniz.

José (fall. 1793) que trabalhou primeiro só e depois associado a seu irmão

Antonio, que falleceu em fins do seculo xviii e cuja especialidade foi a fabricação de bandolins e citharas e finalmente *João*, cuja *lutherie* é de pouco valor.

Os filhos d'este ultimo, *Raphael* (fall. 1857) e *Antonio* (fall. 1860) dedicaram-se principalmente ao commercio de instrumentos e o ultimo representante da familia, *Vincenzo Gagliano*, filho de Raphael, vive ainda em Napoles, e occupa-se da fabricação de cordas harmonicas.

(Continúa)

L.

CANTORAS CELEBRES

Luiza Aguiar Todi

A estreia da grande cantora em Paris teve logar no dia 1 de novembro de 1778, no *Concert Spirituel*, realisado na sala da Opera.

E' indiscriptivel o effeito que produziu, segundo os eloquentes testemunhos dos jornaes da epocha. O nome da Todi echôa na grande capital como o de um portento musical nunca ouvido; o estylo admiravelmente dramatico, o methodo irreprehensivel, a belleza da voz e ainda mais do que estes predicados a paixão que imprime a quanto canta, maravilham e deixam absorto todo o publico de Paris. Todos os biographos e jornaes contemporaneos porfiam nos mais francos e amplissimos elogios. Um d'elles por nome *Tableau raisonné du 18.^e siècle*, affirma «De todas as cantoras estrangeiras que nos tem visitado, Madame Todi é inquestionavelmente a mais completa.» E pouco adiante «Quem aspirar á perfeição na Arte, não pôde escolher mais bello modelo.»

Os mais notaveis artistas e compositores unanimemente lhe dispensam o mais lisongeiro e favoravel conceito. Por seu lado o publico sente tal enthusiasmo pela cantora portugueza, que em cada uma das suas apresentações procura e estuda a forma de a captivar, nas demonstrações de applauso, nos brindes valiosos que lhe são offerecidos, nas apologias que se distribuem impressas,

e em quaesquer outras provas do seu delirante enlevo.

Até Março de 1779 durou o primeiro contrato de Luiza Todi, fazendo-se ouvir igualmente no palacio de Versailles, acolhida pela côrte de Maria Antonietta no *Concert de la Reine*.

Outro jornal, *Le Mercure de France* falando de uma das exhibiões da Todi, quan-

das e lutas entre Piccini e Gluck. Parece poder affirmar-se que Luiza Todi era abertamente partidaria de Piccini, pois que cantou frequentemente musica d'esse compositor, e jámais lêmos que escolhesse qualquer trecho de Gluck. Deve ainda confirmar-nos n'esta supposição, a circumstancia muito valiosa de que Grimm, e outros decididos partidarios piccinistas, foram os mais calou-



LUIZA AGUIAR TODI

do já debutara, diz: «O genero da voz, a paixão, sensibilidade, e os recursos inauditos de que a cantora dispõe produziram no auditorio o mesmo extraordinario effeito que causou da primeira vez.»

E seguindo na descripção do concerto, gaba muito singularmente a execução da aria de Paesiello pela nossa grande artista, bem como a da grande aria de Piccini, surprehendentemente cantada pela Todi, com que terminou o espectáculo.

Era aquelle o tempo das famosas conten-

rosos entusiastas da Todi, enquanto os contrarios se mostravam bem mais reservados. Questão de sympathia artistica, ou de temperamento, que se ajustava mais ao estylo do celebrado compositor napolitano!

Os successos de Paris deram á nossa cantora uma fama universal, e determinaram affluencia de propostas d'escriptura nas outras côrtes europeias, tendo-se ella decidido então pela Italia, cantando em Turim em 1779, contractada como «primeira cantora do genero sério».

Depois d'esse contracto parece que voltára a Lisboa no anno seguinte. E' porém ponto controverso, pois que na sua patria não podia cantar em theatro, segundo a prohibição alvar do governo jesuitico da rainha dementada e ultra fanatica, D. Maria 1.^a. O sr. Ribeiro Guimarães, cuja erudição em assumptos nacionaes lhe constitue auctoridade solida, contesta com boas razões essa estada em Lisboa, parecendo mais natural que a Todi, que foi sempre mãe exemplar, e que em Turim tivera o ultimo filho, de que fôra padrinho o conde de Linhares, D. Rodrigo, ministro portuguez n'aquella côrte, se tivesse consagrado durante o anno de 1780, no qual não consta tivesse aceitado qualquer das numerosas propostas que a requestavam, ao lar domestico, e aos cuidados da sua prole, toda de poucos annos.

Durante a sua estada em Paris dera á luz uma filha, de que foram paronymphos o editor musical Imbart, e o grande maestro Cherubini, cujo enthusiasmo pela Todi era tão manifesto, que escreveu expressamente para a cantora algumas scenas e notoriamente uma *Sarete alfin contenta*, que ella executou repetidas vezes com o mais estrepitoso successo.

*

Em 1781 volta a Paris pela segunda vez, produzindo-se de novo no *Concert Spirituel*, em virtude de contracto firmado na primeira epocha em que ali estivera.

Identicos triumphos saudam a grande cantora, que terminado o seu contracto em Paris parte para Berlim, onde porém não aceitou a proposta de Frederico o grande, demasiado ridicula como paga. Livre de aceitar novas escripturas, emprehende uma excursão de concertos pela Allemanha meridional n'esse mesmo anno.

A 28 de Dezembro apresenta-se pela primeira vez na côrte de Vienna d'Austria, suscitando o maximo successo, e recebendo optima acolhida dos soberanos austriacos.

O anno seguinte de 1782 é um dos mais movimentados da carreira da Todi. Disputam-n'a os publicos de Vienna, Berlim e Turim, e em todas essas tres capitães ella se apresenta no decurso do anno, sendo duas vezes na capital d'Austria, onde se demora até a primavera de 1783, em que pela terceira vez volta a Paris.

Estava-lhe reservado agora, na famosa arena dos seus primeiros triumphos, a mais victoriosa e decisiva prova do seu merito. Nada menos que o confronto com a celebrada Mara, que gosava de reputação universal, e fôra proclamada como a primeira cantora allemã.

Luiza Todi affrontou triumphalmente a contestação artistica com tão temivel rival, e coube-lhe a palma da victoria, representada já nos applausos e acolhimento, superiores de muito aos que eram tributados á Mara; já aos seus numerosos partidarios, e ainda no facto muito significativo de que a rival, descontente com o effeito produzido, se retirou de Paris, deixando-lhe o campo livre.

Se outras e outras mais glorias não estivessem ainda reservadas á nossa extraordinaria cantora, este triumpho bastaria para lhe estabelecer em bases as mais firmes a sua altissima reputação artistica!

Cantou em Paris até 19 de junho, em que se despediu n'um ultimo concerto, a que o *Mercure de France* faz as mais elogiosas referencias, sem embargo de que afóra a Mara tomava igualmente parte nos espectaculos o afamado Viotti, o maior violinista da epocha, e do concurso de taes celebridades mais avulta o exito triumphante da nossa Luiza Todi, proclamada pelo publico parisiense a *Cantora da Nação*, synthese maravilhosa do mais alto conceito.

De Paris seguiu a Todi para as provincias do Rheno e Meno, apresentando-se com grande successo em Carlsruhe. Em dezembro de 1783 cantou em Berlim na opera *Alessandro e Paro*, de Graün, e no começo de 1784 na de Hasse, *Lucis Papirio*. Não obstante o enthusiasmo dos berlinzeses, um ou dois criticos locaes não se lhe mostraram tão favoraveis, e talvez essa circumstancia a demovesse a partir para Russia, especialmente convidada pela imperatriz Catharina 2.^a, e onde a esperavam os successos mais extraordinarios, porventura tão ruidosos como os que acabava de conquistar, mezes antes, do publico de Paris.

E' essa a epocha da culminancia do talento da Todi, reconhecido e proclamado em toda aparte onde se apresentou como o da mais extraordinaria artista lyrica do mundo da Arte.

A grande cantora, pelos seus meritos e faculdades excepcionaes, seduzia e conquistava os publicos, quanto impressionava os homens que representavam a voz severa e exigente da critica. Surgiam-lhe rivaes como acabámos de vêr na celebre Mara, ou invejosos detractores, como lhe estava reservado encontrar na Russia no compositor Sarti; mas a serenidade olympica do seu merito, alliada á bondade natural do character, tanto lhe asseguraram a supremacia artistica, como lograram invalidar os esforços rancorosos da calumnia e da inveja, com que procuravam minar-lhe a reputação.

Veremos agora quaes triumphos alcançou em S. Petersburgo.

(Continúa)

VICTORIANO F. BRAGA.

A expressão musical

(Sob o ponto de vista da Sciencia e da Poesia)

I

Definição e objecto da musica

A musica é a representação idealista da Natureza e a nossa propria representação, por intermedio das combinações diversas da melodia, da harmonia e da sciencia instrumental. Os intermediarios sensiveis que o compositor emprega para actuar sobre nós chamam-se sons. Ouvidos successivamente e encadeados segundo certas leis servem os sons de elemento á phrase melodica: ouvidos simultaneamente e reunidos segundo as affinidades proprias constituem a harmonia. A instrumentação consiste na escolha judiciousa dos timbres, que grupados em pequenos naipes ou familias tendo cada uma o seu caracter proprio concorreu para formar o que denominamos: *Orchestra symphonica*.

Resulta da nossa definição que a Musica não tem especialmente por objecto *agradar*¹. Ao Musico como ao Poeta assiste o direito de plenamente se entregar á sua phantasia. Se lhe convem exprimir um sentimento profundo, despertar em nós pensamentos nobres, descrever a seu modo um quadro pittoresco devemos segui-lo, acompanhá-lo no seu caminho, tentar comprehendê-lo e se a nossa fraqueza ou a falta de preparação nos tornam impossivel a tarefa, guardemo-nos de acoiar de loucos os que nos precederam na via aberta pelo iniciador, porque para elle somos o «*profanum vulgus*» que scintella alguma *atrae*, somos os escravos das faceis delicias.

A Arte Musical tem a sua origem na existencia de uma faculdade esthetica pela qual percebemos as relações dos sons, os quaes despertando em nós ideas mais ou menos reflexas incutem-nos nobres enthusiasmos. A Musica a todo o tempo celebrou a lealdade, a bravura, o patriotismo, a amizade, o amor e a dedicação. Nunca passou despercebida a sua missão social.

No seculo XVI atirando com as bases da sua reforma ao velho mundo attonito perante tanta audacia, Lutheró não prégava: cantava!

¹ Isso sim! Vejam a platéa do nosso S. Carlos: platéa que applaude sem hesitar toda a *mayonnaise italiana* que lhe queiram servir, mas que se lhe falam em musica de camara... muda-se para o D. Amelia a saborear *zarzuelas* e «*Dindons*»!

«E como não escutaria o povo essa voz pura e forte, leal, a sua propria voz?... Todos crêem, todos se alegram. As multidões abraçam se pelas praças publicas, como se abraçarão mais tarde por toda a Europa á queda da Bastilha. E um canto surge de alegria suprema: a Marselheza de Lutheró: «A minha fortaleza é o meu Deus.»¹

Em Paris durante a revolução de 1789 a Musica associou-se a todas as funções populares. Na festa commemorativa de 10 de Agosto especialmente produziram um effeito enorme diversos hymnos executados no proprio recinto onde a convenção nacional mantinha as suas sessões.

O *Moniteur officiel* dando conta desse memoravel dia insere as linhas seguintes: «ao findar cada trecho (a Marselheza, o Despertar do povo, e o Canto da partida) rompiam novamente os applausos, porem nada consegue dar uma idéa da sensação causada pelo couplet — «Sagrado amor da Patria» — um movimento rapido e espontaneo communicando-se ao mesmo tempo ao auditorio viuse a multidão fremente, em que estavam representadas todas as camadas sociaes, descobrir-se perante essa exhortação guerreira e religiosa. O sopro patriotico a transbordar da estrophe transmittira-se a todos os corações.»

Não ha muito tempo ainda o Governo francez desejoso de perpetuar a recordação dos dias de Julho de 1830 mandou erigir o monumento da Praça da Bastilha cuja inauguração se realisou em 1840 ao som da *Symphonia funebre e triumphal* de Berlioz.

Todos os povos tem os seus cantos nacionaes; possuem todos um fundo melodico no qual se nos depára um reflexo dos seus habitos.

Perante taes factos quem se atreverá a rebaixar a Musica ao nivel de qualquer frivola distracção? quem poderá contestar a sua alta moralidade?... Unicamente, de certo, os que de igual modo condemnariam a Poesia, a Historia e a Litteratura: os utilitarios sem escrupulos a quem devemos o mercantilismo que hoje aniquila ao nascer as mais generosas iniciativas. Só elles poderiam reduzir a simples operação commercial o acto essencialmente desinteressado pelo qual um ente genial deslumbra os seus conterraneos com a magia soberana das suas concepções.

A Arte não foi pois creada para servir de passatempo ás sociedade ociosas: não tem precisamente por objecto entreter as horas vagas dos habitantes das nossas cidades. Se

fosse seu unico fim recrear-nos os sentidos pelo encanto passageiro de uma requintada voluptua não teriamos fé na sua nobreza: não necessitamos que nos embálem como a creanças: queremos sim que ella impére sobre a alma pela magia toda poderosa do Ideal e que mantenha em nós uma moderada exaltação, origem verdadeira de toda a grandeza moral, queremos que nos comova ou nos faça estremecer de jubilo como a seguinte pagina de Edgar Quinet que tão soberbamente a glorifica:

«O tanger da sineta perdia-se já, morrendo, pelo ar, quando subito rompeu um suavissimo gorgoio, como gorgeiam de madrugada pelos ninhos sobre um cypreste os pequeninos do rouxinol que o primeiro crepusculo desperta. Esses que assim turbavam o silencio de um mundo a nascer eram o povo alado das almas que se alimentam de bellos sons e que só buscam no Universo a Musica das Coisas. Deviam chamar-se um dia Guy d'Arezzo, Palestrina, Pergolèse, Mozart, Beethoven... Escutavam nesse momento os ruidos inarticulados e surdos que atravessavam os Limbos, tristes e sonhadores como os que buscam qualquer coisa e a não encontram. Pois que todos tinham entre mãos uma viola, porém cada viola tinha apenas uma corda de bronze e elles não sabiam onde encontrar as que faltavam, mas que já, no emtanto, pressentiam.

«De longe a longe um d'entre elles arrancava ao seu instrumento uma nota que se assemelhava a um suspiro das coisas, e logo os outros repetiam esse suspiro, findo o que, desanimados e a frente cabisbaixa, recahiam no silencio. Quando o Romeiro veio a passar, o mais ousado de entre todos, esse que devia um dia ser Béethoven, afastou-se dos seus companheiros: — Oh Bardo, disse, ensina-me como se lastima o vento sobre as vagas do mar? qual é o fremito da luz nascente? que ouviste tu no silencio dos desertos? Como resôa a doce palavra humana no coração dos vivos? qual o som de um coração que despedaçam? A que se assemelha o suspirar de uma alma occupada a contemplar o dia nascente?..

«Sem responder o Mestre tomou da viola: tirou della um accôrde a que estremeceu o coração dos que o ouviram. Todos tentaram imitalo e mas não o conseguindo os olhos velaram-se lhes de tristeza. De todos quantos habitavam os Limbos elles eram senão os mais miseros pelo menos os mais torturados de desejos. E os seus gemidos dir-se-hiam ser a parcella melhor da sua arte.»¹

(Continúa)

NOTAS VAGAS

CARTAS A UMA SENHORA

LIV

De Lisboa

Por estes dias lindos de outono, sob um ceu transparente e doce, deixando cair sobre nós e sobre as coisas a mais bella, a mais tepida, a mais cariciosa luz, que phantasticas poderiam imaginar, appetecé naturalmente ir por ahi fóra, ao acaso, contemplando rostos, descobrindo fórmulas, recompondo idéas, ou ainda mais simplesmente devaneando a espaços...

E ahi está por que em geral tão pouco gostamos de trabalhar.

Conta-se de um ministro portuguez em Londres, que marcando-lhe o seu collega inglez dos negocios estrangeiros uma conferencia importante, a que aliás, contra a tradição britannica, descortezmente faltou, de tal modo se sentiu d'essa incorrecção, que propositadamente marcou a sua ausencia no *Foreign Office* durante uma semana.

O Lord a principio não notou o caso e attribuiu-o a leve incommodo, ou occupações passageiras; quando porém, se certificou de que o afastamento era voluntario, correu á residencia do nosso representante a quem deveras apreciava.

A's primeiras palavras trocadas percebeu logo que aquelle estava melindrado por qualquer cousa que não lhe occorria qual fosse, e com a franqueza rude mas nobre de um inglez honesto, interpellou directamente o seu amigo a tal respeito.

A principio, é claro, o ministro portuguez procurou desviar a conversação para outro terreno, mas em presença da insistencia do interpellante contou tambem claramente o que se dera e por que se magoára...

O pobre inglez, caindo em si e lembrando-se de repente da falta que involuntariamente commettera, desfez-se em desculpas e parecia tão sincero, que corridos minutos estava desfeita a nuvem entre ambos.

Sómente uma cousa intrigava o Lord: — que diabo tinha feito elle n'esse malfadado dia? N'isto, e em meio já d'uma conversação inteiramente amigavel e a cem leguas de qualquer arrufo, o portuguez viu-o com grande espanto dar uma forte palmada na testa e exclamar radiante:

— Apre! Que já sei porque outro dia faltei á entrevista marcada. Recorde-se, foi quarta feira 12, estava *um dia da rainha* e os meus *babies* reclamaram despoticos um passeio ao campo; eu parti com elles em *mail coach* e tudo se me varreu da idéa, negocios, conferencias, politica...

¹ *Mérlin l'enchanteur. — Livre V. (Suite des Limbes).*

— Ah! meu amigo perdoe, novamente lh'o peço: é pae, comprehende o que certas boquitas rosadas ás vezes conseguem de nós; e sobretudo não esqueça que tenho um grande, uma importantissima attenuante.

— Estava, como disse e deve lembrar se, um dia formosissimo, para nós insulares que não temos muitos... E fez uma pausa.

Depois, com aquella dóse de humorismo ironico que todo o bom inglez culto não deixa nunca de exercer, rematou sorrindo e conservando entre as suas as mãos do diplomata luso:

— E agora já eu sei por que é que em Portugal de ordinario trabalham tão pouco, teem tantos, tantos dias bonitos!

E n'esta edulcorada censura, amavelmente diluida em insinuantes cumprimentos, assim se liquidou o incidente...

Applicando *el cuento* tambem eu ao atravessar agora a série d'esses taes dias, tudo desejaría fazer menos trabalhar, pelo que aqui me tem palestrando sem tom nem som...

Poderia é certo, falar-lhe d'uma linda festa em Cascaes, onde os olhos encontraram e gosaram o supremo regalo da Belleza alliada á Arte, e tudo isto posto ao serviço da Bondade, e bem assim me seria facil descrever-lhe o que foi a inauguração do monumento erigido á memoria de Eça de Queiroz, o querido morto, vivo agora para todo o sempre no divino marmore que Teixeira Lopes affeçoou e penetrou d'uma scentelha de genio — o seu genio, e d'um raio de amor, o amor de um grande artista pela obra d'outro grande artista.

Mas a minha doce amiga vae encontrar tudo isso nos periodicos e pelo que se refere ao Eça, tão finamente dito pelas melhores pennas de Portugal, que eu, obscuro minorista da capella das letras, corria perigo de dar syllabada grossa, a querer entrar tambem no côro...

Limito-me portanto a citar-lhe e a recomendar-lhe as tão vibrantes, tão justas e tão admiraveis paginas que Ramalho Ortigão, o mestre de nós todos, consagrou ao amigo dilecto que com Garrett representa os dois mais altos espiritos que a litteratura portugueza produziu no seculo xix, e onde definitivamente se põe na luz e na verdade a figura inconfundivel do escriptor que não contente de revolucionar a fórma de escrever revolucionou a maneira de pensar, conforme poderia attestal-o toda uma geração de intellectuaes...

E ligando ao poema de marmore que Teixeira Lopes esculpiu para a eternidade da Arte, n'um momento incomparavel de inspiração e de justiça, as homenagens que a voz

de oiro dos oradores e os versos rutilos dos poetas outro dia lhe trouxeram, terá, minha senhora, uma impressão do que foi a cerimonia da inauguração d'essa encantadora joia, que Lisboa fica possuindo n'um largosinho quieto e modesto, e que sem a menor lisonja se deve á enternecida affeição inegalavel d'um amigo carinhoso e dedicado, que poz o coração e o espirito ao serviço do que reputou uma obra de reparação e de amor.

O Conde d'Arnosso deve de ter inimigos — tem obsequiado muita gente — mas nenhum d'elles se atreverá a boquejar d'este tão *nobre gesto* com que, para honra da familia intellectual portugueza, acaba de conseguir levar a cabo a glorificação de um dos seus melhor dotados e mais generosamente perdularios filhos.

Não carece elle dos nossos applausos ou agradecimentos, mas nós é que ao menos precisamos de ser justos sendo sinceros e lá em cima, o amado Eça está d'accordo com esta nossa maneira de registrar o acto de fidalga esthetica d'esse seu antigo e dilecto camarada...

AFFONSO VARGAS.

NOTICIARIO

DO PAIZ

Consta que foi contractado por cinco annos no Conservatorio Real de Lisboa, como professor estrangeiro, o distincto vocalista Alberto Sarti, que com tanta proficiencia se tem dedicado em Lisboa ao ensino particular do *bel-canto*.

E' uma aquisição do mais alto alcance para aquelle estabelecimento e galardão de todo o ponto merecido para os serviços que o illustre maestro italiano tem prestado entre nós ao progresso da musica vocal.



Acaba de fundar-se uma nova aggremação musical, de character popular, sob o titulo de *Tuna Commercial de Lisboa*, e que como o nome o diz é formada por membros da classe dos empregados de commercio.

Compõe-se de 150 executantes, cuja direcção foi confiada ao intelligente professor Miguel Ferreira.

A commissão organisadora da *Tuna*, cuja séde é na Rua do Arco de Bandeira, 76, 2.º, dirigiu ao commercio lisbonense uma circular em que expõe nos seguintes termos os fins da collectividade: — «Iniciar o associado

n'uma das mais brilhantes e sublimes bellas-
artes, a musica; proporcionar, quanto possi-
vel, ao associado e sua familia, todas as di-
versões ao alcance das suas habilitações fi-
nanceiras, como um sarau annual n'um dos
principaes theatros de Lisboa, para o qual,
o socio e familia, terão livre entrada; reu-
niões intimas na séde da associação, passeios
etc. etc, sempre com a comparancia da tu-
na.»



Depois de um longo estadio no Porto, Le-
ça da Palmeira e outros pontos, regressou á
capital o distincto professor e compositor
Oscar da Silva.



O reparo que no anterior numero fizemos
a respeito de não ter recebido o habitual con-
vite para o Concerto do Conservatorio ori-
ginou uma amavel carta da direcção d'este
estabelecimento de ensino, em que nos são
dadas as mais penhorantes explicações.

Agradecemos vivamente a attenção.



A *Associação dos Professores de Musica*
manda celebrar a 27 d'este mez, com grande
pompa, na igreja dos Martyres, a festa a
Santa Cecilia, que de ha muitos annos se
não realisa.

Executar-se-ha uma Missa a grande ins-
trumental e o templo onde a formosa ima-
gem se venera será profusamente engalana-
do para esta circumstancia.

Folgamos deveras que a sympathica *Asso-
ciação* manifeste assim de quando em quando
a sua existencia e pena é que sendo entre nós
a unica aggremação, exclusivamente compo-
sta de profissionaes da musica, se não evi-
dencieie em emprezas de maior tomo, como
podia e, diremos até, como devia.



O grande acontecimento musical com que
se vae iniciar a epoca de 1903-4 em Lisboa
é a proxima vinda á capital das eximias con-
certistas portuenses Guilhermina e Virginia
Suggia e o magnifico e unico concerto que
vão realisar, antes da sua partida para a
Allemanha e Russia, cnde, como é sabido,
tem contractos já de ha muito firmados.

Lembram-se todos do exito absolutamen-
te excepcional que as sympathicas artistas ti-
veram entre nós na epoca passada; mas até
aqui, n'um altruismo tão raro que poucos
exemplos semelhantes haverá, puzeram sem-
pre o seu brilhante talento ao serviço d'uma
causa de philantropia ou simplesmente de
pura arte, sem cuidar nunca dos seus tão le-
gitimos interesses, antes dispendendo ainda
do seu bolso custosas sommas para benefi-
cio estranho. E agora mesmo, só obedecen-

do a suggestões e pedidos de pessoas que
lhes são inteiramente dedicadas é que se re-
solveram a realisar um concerto, que lhes
fosse compensação pessoal e com cujo pro-
ducto possam, de tal ou qual forma, obviar
aos primeiros gastos d'um inicio de carreira.

Quizeram ao mesmo tempo fazer uma fes-
ta, que, sob o ponto de vista artistico, tivesse
um excepcional luzimento e o programma
em projecto, cuja transcripção nos permit-
timos fazer mais adiante, dá bem a medida
d'essa intenção. Alem d'isso, sabemos de



bôa fonte que será a unica audição publica
que dão em Lisboa, não tomando mesmo
parte em nenhum concerto da *Sociedade de
Musica de Camara* ou de qualquer institui-
ção similar—isto afim de fazer convergir
sobre a annunciada festa todas as attenções
do publico amadôr. E diremos ainda que
esta resolução foi tomada pelas gentis con-
certistas, sempre tão prodigas do seu talen-
to, mais pelo conselho de pessoas amigas,
que propriamente pelo natural impulso do
seu character, que não sabe recusar nunca
em presença d'uma ideia nôbre ou philan-
tropica.

Eis o programma do concerto, de que nos
vimos occupando e que terá logar a 21 no
Salão da Trindade :

1.ª parte

Concerto, op. 5.....	Davidoff
Para violoncello e piano	
Scherzo, op. 31—2.....	Chopin

Para piano	
Andante do Concerto, op. 20 ...	<i>D'Albert</i>
Tarantella	<i>Piatti</i>
Para violoncello	
2.^a parte	
Cantique d'amour	<i>Liszt</i>
Rapsodie hongroise — N.º 6	"
Para piano	
Concerto, op. 104.	<i>Dorvák</i>
Para violoncello e piano	

Dizem-nos maravilhas dos dois concertos acima citados e o de *Dorvák*, completamente desconhecido em Portugal é considerado em toda a parte como celebre e um conjunto de difficuldades pasmosas tanto para o violoncello como para o piano.

Sejam pois bemvindas as illustres concertistas portuguezas e esperemos que todos accorram a festejal-as como merecem.



Tem se publicado ultimamente na imprensa, ácerca de Francisco de Lacerda, umas apreciações, que muito gostosamente rectificamos, concorrendo assim, quanto em nós cabe, para que a verdade se restabeleça.

Em 1895 foi elle nomeado pensionista do Estado, em Paris, pelo Conservatorio Real de Lisboa. Ao cabo de quatro annos de estudos, comprovada a sua decidida vocação e aproveitamento, foi lhe renovada a pensão d'accordo com a clausula do contracto celebrado com o governo.

Por portaria de 20 de setembro de 1901 foi-lhe novamente prorogada essa pensão afim de poder ultimar os trabalhos da especialidade a que se dedicara e em que tantas e tão exuberantes provas de merecimento havia demonstrado.

Do seu progresso, competencia e brilhantes resultados a que chegara pelo seu aturado estudo é prova bem frisante e concludente a resolução tomada pelo celebre professor e compositor Vincent d'Indy de o nomear seu *remplaçant* quando tem de ausentar-se de Paris.

Dirige tambem a aula d'orchestra e á testa d'ella já se tem apresentado em varios concertos.



No dia 24 realisa um concerto no Conservatorio o sympathico tenor portuguez Gaspar do Nascimento.



Os *Cafés* com musica, com boa musica, são por ora raros entre nós. Em 5 d'este mez, o proprietario de um d'esses estabelecimentos, sito na Rua do Principe, 17 a 21,

inaugurou uma serie de concertos, sob a direcção do violinista Antonio Leal, o mesmo que esteve na Russia dirigindo a *Troupe Gounod*.

E' rapaz de incontestavel valor, com bonito som, sem ser demasiado volumoso, e com boa escola. Tem tocado diversas peças para quarteto, conjunctamente com os srs. Alvaro Santos, Paschoal Pereira e Luiz d'Oliveira Gallo.



Já está annunciado em cartazes e prospectos o elenco da Companhia lyrica escripturada pelo sr. José Paccini para a proxima epoca de 1903-4, começando este anno os espectaculos a 11 ou 12 do proximo mez de Dezembro.

Os directores d'orchestra são Vincenzo Lombardi e Giorgio Polacco.

Os sopranos e meios sopranos são Maria Boyer (*fevereiro*), Elena Bianchini Capelli (*até fim janeiro*), Eleonora Cisneros, Guiseppina De Gigli, Virginia Guerrini, Maria Lafargue (*até fim janeiro*), Angelica Pandolfini (*fevereiro e março*) e outras.

Os tenores são Giuliano Biel (*até fim janeiro*), Alessandro Bonci (*fevereiro e março*), Orazio Cosentino, Fernando De Lucia (*fevereiro*), Angelo Masini etc.

Baritonos Aurelio Buscarini, Carlo Butti, Eugenio Giraldoni (*até fim janeiro*), Giuseppe Paccini etc.

Baixos Vittorio Arimondi, Gaudio Mansuetto etc.

As operas novas que estão annunciadas são o *Demone* de Rubinstein e a *Siberia* de Giordano, bem como os bailados da *Noute de Valpurgis* no «Fausto».



A *Sociedade de Musica de Camara* dará ainda este mez o primeiro concerto da sua terceira série.

O programma é o seguinte :

Trio, op. 63.	<i>Schumann</i>
Sonata, op. 45.	<i>Grieg</i>
Quarteto, op. 7.	<i>Vincent d'Indy</i>

sendo executantes os snrs. Benetó, Lamas, Cunha Menezes e Lambertini.

A inscripção dos subscriptores faz-se na nossa Redacção, onde tambem se distribue gratuitamente o *Anuario* da Sociedade, publicado ha dias.

As condições do abonamento são as seguintes :

I

A epoca é de oito concertos, realidados desde Novembro até Junho.

II

O subscriptor póde inscrever-se em qualquer data, pagando no acto da inscripção a quantia de 4\$000 réis e dois mezes depois o que falte para liquidar as quotas referentes á totalidade da época, á razão de 1\$000 réis cada mez.

III

Poderá facultar-se ao subscriptor o pagamento mensal de 1\$000 réis, como até aqui estava estabelecido, sempre que a inscripção se effectue antes de realisado o primeiro concerto da época.

IV

O subscriptor tem direito a receber tres bilhetes para cada concerto, sendo-lhe esses entregues na occasião de satisfazer as respectivas quotas, por qualquer das formas acima indicadas.

Os bilhetes dão indistinctamente logar a senhora ou cavalheiro e o subscriptor tem direito a requisitar mais, que lhe serão fornecidos, havendo-os.

V

A marcação dos logares póde effectuar-se á razão de 100 réis cada logar e é obrigatória para os subscriptores que requisitarem mais bilhetes alem dos que lhe competem.



Foi nomeada directora da Casa de detenção e correcção do sexo feminino em Lisboa, a senhora D. Maria Amalia de Sousa Larcher, que exerceu exemplarmente durante mais de 30 annos o logar de regente do Conservatorio Real de Lisboa.

A virtuosa senhora endereçamos as nossas melhores felicitações.

DO ESTRANGEIRO

Teve logar ultimamente, no Conservatorio Nacional de Musica de Paris, o concurso de admissão para a nova classe de *Harpa chromatica sem pedaes*, creada por decreto do ministro d'instrucção publica, em data de 8 de Abril de 1903 e que será dirigida por Mad.me Tassu Spencer.

O nosso jornal tem-se occupado por varias vezes com bastante desenvolvimento da preciosa transformação que a casa Pleyel introduziu na construcção das Harpas e prognosticamos sempre um largo futuro a este interessante invento.

A criação de uma aula especial para Harpa chromatica no Conservatorio de Bruxellas, e agora no de Paris, veem confirmar plenamente as nossas previsões.



Em 28 de Outubro inaugurou-se no parque real de Stuttgart um monumento a Liszt, do esculptor allemão A. Fremd.

Desde 1901 que alguns discipulos de Liszt e outros ferventes admiradores do grande pianista trabalhavam para a realisação de essa ideia, angariando fundos que lhes permitisse occorrer ás despesas precisas.

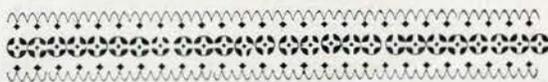


Uma innovação na Opera de Paris. A partir de 1 de Janeiro, este theatro porá á disposição do publico um programma illustrado de cada um dos seus espectaculos. Esta brochura dará a distribuição das peças e as noticias officiaes, sob a fiscalisação da direcção.

Todos os annos se porá a concurso o desenho da capa, com premios de 500 e 1:000 francos.



A *Schola Cantorum* realisou o seu concerto d'inauguração d'esta epocha, com o concurso de Madame Nuovina, o venerando organista Guilmant, os cantores de Saint Gervais etc. O programma foi consagrado á musica franceza dos seculos XVI e XVII.



SECÇÃO LITTERARIA

Palavras de amor

Corria o anno de 1376, as torres da Sé tinham já dado nove badaladas; as ruas e viellas da cidade de Lisboa estavam em plena escuridão, um ou outro vulto atravessava a rua.

No palacio de El-Rei D. Fernando reinava profundo silencio; apenas n'um aposento, cujas janellas deitavam para o Tejo, duas pessoas conversavam juntas a uma grande mesa de pau santo, onde um pequeno candeiro de azeite lhes illuminava sómente as caras.

Eram ellas Diogo Affonso de Figueiredo, vedor da casa do Infante Dom João e Garcia Affonso de Sobrado.

— Agora podemos conversar á vontade, disse Affonso de Figueiredo, batendo no hombro do seu amigo Sobrado, é certo o que te disse, o senhor Infante anda enamorado de Dona Maria Telles.

— O que dizes?! Disse Sobrado arregalando os olhos.

— Sabes demasiado quanto o senhor Infante é homem de tentar. E' vê-lo no seu corcel ás corcóvas, parece que o dóma com duas fitas de seda!

— Mas é garboso de mais!

Eu que o tenho acompanhado nas caçadas pela Beira, tenho visto quanto elle se esquece de ser infante ou por outra de *saber* ser infante para se entregar a raussar toda a casta de mulheres.

Sabes, tem ainda a germinar na cabeça as loucuras do pae o senhor Dom Pedro que Deus tem.

— Fallas demasiado! Replicou Figueiredo, passando os dedos pela farta cabelleira, o senhor Infante sabe ser cortezão quando quer...

— E Dona Maria Telles corresponderá ao seu amor?

— Tu não sabes o que são mulheres; pensas talvez que fica toda a vida viuva?

— Já vejo que acreditas... Disse Sobrado.

Figueiredo levantou-se, e puxando pelo braço de Sobrado, tomou a direcção do vão d'uma janella. A lua com a sua luz de prata illuminou as aguas do Tejo, sentia-se a cidade adormecida, envolta n'um manto de silencio!

— Que duvida, o peor é o tal filho que ella tem em Thomar, o Dom Lopo Dias de Souza, homem de grande sageria!!

— Pouco se importa com o que a mãe faz, replicou Sobrado.

— Engano teu, meu caro Sobrado, será um dos maiores inimigos do senhor Infante.

— Ainda ha outro inimigo mil vezes peor, é a Dona Leonor Telles, disse Sobrado ao ouvido de Figueiredo.

Uns passos leves foram ouvidos no corredor da capella.

— Senti passos no corredor!!

Disse Sobrado um pouco tremulo.

— Não te assustes, é a dama da rainha, Isabel de Castro, que vae fallar ao conde de Barcellos.

A luz do candeeiro ía-se tornando cada vez mais mortíça, enchendo o aposento de sombras phantasticas.

Emquanto se passava esta conversa, do outro lado do palacio, um vulto de mulher apparecia a uma janella que deitava para um pateo.

O luar batendo de chapa n'aquella figura de mulher tornava-a diaphana como uma Elsa. Quem passasse n'aquella occasião veria junto á parede um vulto; este, era o conde de Barcellos, a requestada, Isabel de Castro.

— Senhora, disse o conde com voz apenas perceptivel, como a minha alma se eleva quando ouve a vossa voz.

— São palavras d'amor... disse ella com voz repassada de tristeza.

— Como poderia mentir quando contemplo a vossa imagem? Amo-vos, como se pode amar um ente n'esta vida; sois a luz dos meus olhos, sois um raio de sol a penetrar no meu coração. Como me sentiria feliz se tivesse a certeza de ser correspondido; nunca disseste que me amaveis, porquê?!

— São os meus labios que tremem, não o coração...

.....

Quando o conde de Barcellos deixou a entrevista, ia pensando se esta Isabel de Castro lhe seria sincera, ou se aprenderia já a ser dissimulada como a rainha Dona Leonor Telles, essa mulher que enchia de terror todo o povo!

Uma nuvem de tristeza passou pelo conde e duas lagrimas ardentes como fogo deslizaram pela cára! Amava, eis tudo! Suprema Ventura da vida.

ALFREDO SACAVEM.



Sob o pseudonymo de *Ad. Brinita*, acaba de publicar uma das nossas mais illustres amadoras dois deliciosos trechos para piano, *Romance sans paroles* e *Menuet*, que farão em breve o *tour* dos nossos melhores sa-lões.

São duas mimosas composições de mediana difficuldade e que recommendamos vivamente ás nossas pianistas: tanto uma como outra tem novidade na factura e verdadeira inspiração no desenho melodico.

Encontram-se á venda em todos os estabelecimentos da especialidade.



Recebemos da *Assistencia Nacional aos Tuberculosos* o Relatorio do anno economico de 1901-1902, a que não podemos negar hospitalidade apesar de não ter relação com a indole exclusivamente artistica d'esta revista.

Vê-se no referido Relatorio que o lucro d'aquelle anno foi de 88 contos de réis e o capital social em 3o de junho de 1902 ficou sendo de 303.583\$624 réis.

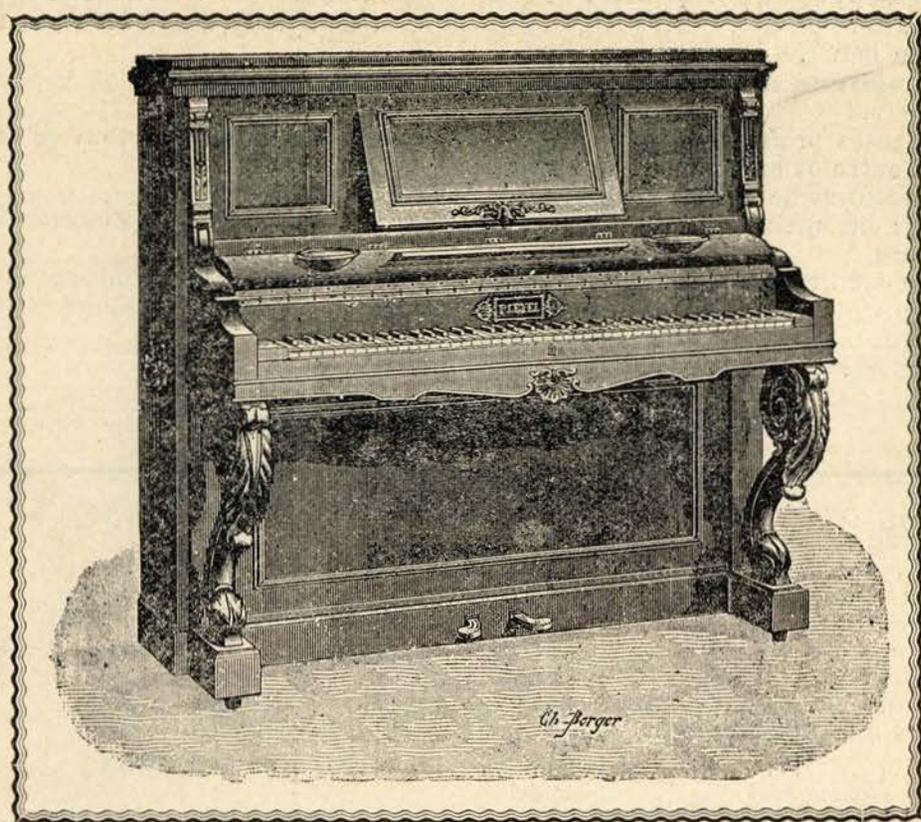
A ARTE MUSICAL

Publicação quinzenal de musica e theatros

LISBOA

PLEYEL WOLFF LYON & C^{IE}

GRANDE FABRICA DE PIANOS E HARPAS
PARIS



HARPA CHROMATICA SEM PEDAES

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

PIANO DUPLO PLEYEL

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

Inventor: — ENG.^o GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra

Presidente do jury (classe 17) da Exposição de Paris — 1900

AUGUSTO D'AQUINO
Agencia Internacional de Expedições

SUCCURSAL DA CASA

CARL LASSEN, HAMBURGO

Serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

Por via de Hamburgo pela casa Carl Lassen

» » » Anvers » » Carl Lassen

» » » Liverpool » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

» » » Londres » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

» » » Havre » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

EMBARQUES PARA O ESTRANGEIRO E COLONIAS

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

Rua dos Correeiros, 92, 1.º

SOCIEDADE DE CONCERTOS E ESCOLA DE MUSICA

FUNDADA EM 1 DE JULHO DE 1902

Sede: **Rua do Alecrim, 17, 1.º**

(Junto ao Caes do Sodré)

CURSOS NOCTURNOS

As aulas abrem a 1 de outubro e fecham a 31 de julho.

A matricula geral começa a 15 de setembro continuando aberta todo o anno lectivo.

Curso completo do **Conservatorio Real de Lisboa** para alli se fazer exame e cursos da Escola para fazer ou não exame á vontade dos alumnos.

PROFESSORES

*D. Rachel de Souza, Frederico Guimarães, Marcos Garin,
Julio Cardona, Augusto de Moraes Palmeiro, Guilherme Ribeiro,
José Henrique dos Santos, Wenceslau Pinto e Rodrigues Beraud*

Concertos de musica nacional por grande orchestra de 80 executantes e audições de alumnos

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz. professora de piano, <i>Rua do Jardim á Estrella, 12</i>
Alberto Lima. professor de guitarra, <i>Rua da Conceição da Gloria, 23, 3.º</i>
Alberto Sarti. professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
Alexandre Oliveira. professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Bey Colaço. professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alfredo Mantua. professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Andrés Goni. professor de violino, <i>Praça do Príncipe Real, 31, 2.º</i>
Antonio Soller. professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO</i>
Candida Cilla de Lemos. professora de piano e órgão, <i>L. de S. Barbara, 51, 5.º, D.</i>
Carlos Gonçalves. professor de piano, <i>Travessa da Piedade, 36, 1.º</i>
Carlos Sampaio. professor de bandolim, <i>Rua de Andaluz, 5, 3.º</i>
Eduardo Nicolai. professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI</i>
Elvira Rebello. profes. ^a de musica e piano, <i>Collegio MOZART, Angra (AÇORES)</i>
Ernesto Vieira. <i>Rua de Santa Martha, A.</i>
Flora de Nazareth Silva. prof. de piano, <i>Rua dos Caetanos, 27, 1.º</i>
Francisco Bahia. professor de piano, <i>Travessa do Noronha, 16, 1.º</i>
Francisco Benetó. professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Irene Zuzarte. professora de piano, <i>Rua José Estevam, 27, 3.º D.</i>
Isolina Roque. professora de piano, <i>Travessa de S. José, 27, 1.º, E.</i>
João E. da Matta Junior. professor de piano, <i>Rua Garrett, 112.</i>
Joaquim A. Martins Junior. professor de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
José Henrique dos Santos. prof. de violoncello, <i>R. S. João da Matta, 61, 2.º</i>
Julieta Hirsch. professora de canto, <i>Bairro Castellinhos, Rua A. — R. G., 3.º</i>
Léon Jamet. professor de piano, órgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucilia Moreira. professora de musica e piano, <i>T. do Moreira, 4, 2.º</i>
M.^{me} Sanguinetti. professora de canto, <i>Largo do Conde Barão, 91, 4.º</i>
Manuel Gomes. professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin. professor de piano, <i>Rua da Cruz dos Poyaes, 49, 1.º</i>
Maria Margarida Franco. professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Maria da Piedade Reis Farto. prof. de piano e violino, <i>R. Arsenal, 124, 2.º, E.</i>
Mathilde Girard. professora de piano, <i>Rua de S. Bento, 47, 1.º, E.</i>
Octavia Hansch. professora de piano, <i>Rua Palmira, 10, 4.º, E.</i>
Philomena Rocha. professora de piano, <i>Rua de S. Paulo, 29, 4.º, E.</i>
Rodrigo da Fonseca. professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 137, 2.º</i>
Victoria Mirés. professora de canto, <i>Praça de D. Pedro, 74, 3.º, D.</i>

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação em ferro, sommeiro em cobre ou em ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, mecanismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante — Boa Sonoridade — Afinação segura — Construcção solida

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM